

ELEIÇÕES EUROPEIAS

por Mário Soares

1. No próximo dia 7 a Europa dos 27 vai votar os seus deputados para o Parlamento Europeu. Isso acontece num momento de gravíssima crise global, que está longe de ter "batido no fundo", quando a União está há quase dez anos paralisada, no plano institucional, sem que o Tratado de Lisboa, subscrito por todos os dirigentes dos Estados-membros, ainda não esteja em vigor por causa da não ratificação da Irlanda e outros entraves.

Apesar disso, as eleições europeias são de grande importância para o nosso futuro colectivo. Porque o Parlamento Europeu tem hoje poderes muito alargados, em relação a um passado que começou em 1979. Com efeito, hoje tem competência para aprovar ou destituir a Comissão, vota o Orçamento e a grande maioria das nossas leis e tem uma palavra a dizer quanto às directivas comunitárias. Está, por isso, na origem de mais de 60% dos textos legais adoptados em cada um dos países membros.

Ora, não obstante todas as suas competências, os cidadãos europeus - de cada um dos Estados membros, sem excepção - estão a distanciar-se e a desinteressar-se, cada vez mais, da União, talvez excepto os mais jovens, prevendo-se, assim, uma preocupante abstenção nas próximas eleições para o Parlamento Europeu. Porquê? Talvez porque os cidadãos têm a impressão - que tem bastante razão de ser, quanto a mim - de que são os dirigentes do Conselho Europeu, quem tudo decide, sem consultar e ouvir as populações. Além disso, os dirigentes dos Partidos Europeus, com assento no Parlamento, estão bastante isolados dos seus eleitores, não os ouvindo suficientemente.

O que significa que, num período de crise global grave e de paralisia institucional europeia, a abstenção dos eleitores do Parlamento só irá complicar os problemas a resolver. Entre outras razões, porque retira legitimidade às instituições, quando mais precisavam dela. Por isso, como europeísta, federalista europeu e socialista tenho feito o que está ao meu alcance para apelar ao voto em consciência dos eleitores, nas próximas eleições, por se tratar de um voto de extrema importância para o nosso futuro colectivo. Sem mais Europa, dificilmente sairemos da crise global que nos afecta.

Aliás, durante a pré-campanha e a campanha, já em curso, têm-se discutido mais os problemas nacionais - e as tricas interpartidárias - do que os problemas propriamente europeus. Isto é: que dizem respeito à União Europeia, como entidade. Quando a verdade é que são eles que dizem especialmente respeito aos candidatos que disputam as eleições, para o que deveriam ter uma estratégia clara para a União Europeia.

Na verdade, sem isso, nenhum país europeu, por si só, será capaz de ultrapassar a crise global, mesmo o maior de todos, que é a Alemanha. Sem uma estratégia concertada anti-crise, a

União Europeia entrará em decadência e não será capaz de se transformar num agente global susceptível de dar cartas num mundo cada vez mais multilateral e complexo.

A América de Barack Obama compreendeu isso e, por essa razão, está a recuperar a sua liderança mundial, não obstante não ter saído ainda da crise. Pelo contrário, a União Europeia, dividida, sem lideranças, que se imponham e sem rumo certo, está a ficar à margem, o que se repercute, negativamente em todos os países europeus.

Falta-nos um debate político e institucional europeu e quanto ao futuro, que iremos jogar no Mundo. As eleições europeias podiam ter sido uma excelente oportunidade para o fazer. Mas, infelizmente, não passaram, até agora, de uma oportunidade perdida, para a maior parte dos países europeus, mesmo os maiores. Portugal não foi excepção. Por falta de uma cultura política europeia e de verdadeiros ideais europeus. Veremos os resultados dos actos eleitorais de 7 do corrente e das reacções que, necessariamente, irão seguir-se... Precisamos todos de mais Europa, de mais democracia, no quadro europeu, de maior participação cidadã, de mais luta contra as desigualdades, entre os Estados e no interior de cada um, de mais sentido de solidariedade e conhecimento entre os parceiros europeus.

O Partido Socialista Europeu (PSE), dirigido por Poul Rasmussen, que elaborou um excelente Manifesto, para responder à crise global que nos afecta a todos - não só financeira e económica, mas também política, social, ambiental e de civilização - esperemos que seja capaz de liderar, uma vez conhecidos os resultados eleitorais, os descontentamentos, da Esquerda, dos Verdes e de todos os europeístas convictos, para reforçar o seu peso no Parlamento e fazer ouvir e respeitar sua voz. Porque a hora - como se compreende - é da Esquerda e nomeadamente dos socialistas, com todos os perigos que espreitam a União e irão, lamentavelmente, acentuar-se, se o sentimento popular minoritário não for respeitado.

2. O conflito israelo-palestiniano está - e sempre esteve - no centro do mundo e das muitas dificuldades nas relações entre o Islão e o Ocidente. A América de Barack Obama quer, mais uma vez, tentar a paz, após oito anos em que se não deu um único passo positivo. Na base do reconhecimento dos dois Estados: Israel e Palestina. Para se chegar, depois, a um progresso sério e construtivo, nas negociações com o Irão, por causa do problema crucial de poder atómico, para encontrar saídas sérias relativamente ao atoleiro em que continuam a estar as tropas americanas no Iraque e no Afeganistão e para desanuviar as múltiplas tensões contraditórias em que se encontra todo o Médio Oriente, desde a invasão do Iraque.

Obama no discurso que proferiu na Turquia, depois da reunião do G20 que se realizou em Londres, com pouco sucesso, aliás, foi triunfalmente acolhido na Turquia, o que deve ter sido um encorajamento para o importante encontro que terá no Cairo (Egipto) em 4 de Junho próximo, onde se espera que fale com clareza ao Mundo Árabe. O importante Lobby pró judaico americano parece estar dividido, entre falcões e pombas, estas últimas favoráveis ao esforço em favor da paz, de Obama, por terem a consciência, quanto a mim, absolutamente razoável, quanto à insustentabilidade de Israel, apesar de estar apoiada no seu incontestável poderio militar, se ousar lançar-se, de novo, numa política belicista, em que correrá numerosíssimos riscos...

Note-se que a situação que refiro se tornou muito clara na última viagem do Primeiro-Ministro (ultra-conservador) Netanyahu, na sua recente viagem a Washington, onde a diferença de pontos de vista com Barack Obama se tornou evidente para os observadores advertidos.

Contudo, Obama, na sua viagem ao Cairo, não parece correr grandes riscos. Porque tem estado a ser aconselhado pelos técnicos americanos mais competentes, nas questões do Médio Oriente - a começar pelo Vice-Presidente Joe Biden, por George Mitchell, o muito hábil enviado especial de Obama ao Médio Oriente e, naturalmente, por Hillary Clinton, Secretária de Estado, apoiada por excelentes especialistas sobre os problemas da Região, como Dennis Ross, bem visto por a parte mais sensata e inteligente do Lobby judaico na América.

Espera-se, por isso, que Obama faça o seu discurso aos árabes e muçulmanos, no Cairo, com o talento diplomático que lhe é reconhecido, e daí possa partir para negociações em concreto não só para a imposição da paz entre judeus e palestinianos - com consistência e seriedade, de parte a parte - mas também para conversações com o Irão, com eleições em 12 do corrente mês de Junho, com o Líbano e com a Síria, que possam ter por efeito diminuir as tensões na Região - incluindo o Iraque e o Afeganistão - tendo como consequência, a perda de influência do terrorismo islâmico e a sua capacidade de recrutamento e treino de novos terroristas.

Não tenho muitas ilusões quanto à rapidez com que isso venha a acontecer, a diminuição rápida dos ódios exacerbados e dos conflitos. Mas se a mudança da política americana na Região for compreendida, há probabilidades que isso venha a acontecer com repercussões altamente positivas noutras Regiões do Planeta. Enquanto isso, na União Europeia, sem qualquer conotação política quanto a estes pontos - e a tantos outros - discutem-se os lugares e os pequenos interesses nacionais e pessoais e, como pano de fundo, qualquer coisa de semelhante ao sexo dos anjos...

Lisboa, 2 de Junho de 2009